

Ondjaki. *Bom dia camaradas*. Maputo, Ndjira, 2006

Felipe Freitag

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Ndalu de Almeida, de pseudônimo Ondjaki, é um prosador e poeta nascido em Luanda, capital de Angola. Licenciado em Sociologia em Lisboa, o escritor é membro da União dos Escritores Angolanos e participou de antologias literárias no Brasil, no Uruguai e em Portugal. Além da literatura, Ondjaki costuma envolver-se com atividades teatrais, artísticas e cinematográficas, tendo co-produzido, com Kiluanje Liberdade, o documentário *Oxalá cresçam pitangas: histórias de Luanda* (2006). No ano de 2000, em Angola, foi honrado com uma menção no prêmio António Jacinto pelo seu livro de poemas *actu sanguíneu* (2000); em 2005, lhe foram concedidos os prêmios Sagrada Esperança (Angola) e António Paulouro (Portugal), pelo seu livro de contos *E se amanhã o medo* (2005).

Alguns de seus livros foram traduzidos para o francês, o espanhol, o italiano, o alemão, o inglês, o sérvio, o sueco e o polaco. Desde o ano de 2000, a bibliografia do escritor tem aumentado consideravelmente, incluindo em sua lista os seguintes títulos: *actu sanguíneu* (poesia, 2000), *Bom dia camaradas* (romance, 2001), *Momentos de aqui* (contos, 2001), *O assobiador* (novela, 2002), *Há prendisajens com o xão* (poesia, 2002), *Quantas madrugadas tem a noite* (romance, 2004), *Ynari: a menina das cinco tranças* (infantil, 2004), *E se amanhã o medo* (contos, 2005), *Os da minha rua* (estórias, 2007), *Avó Dezanove e o segredo do soviético* (romance, 2008), *O leão e o coelho saltitão* (infantil, 2008), *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas* (poesia, 2009), *Os vivos, o morto e o peixe frito* (teatro, 2009), *O voo do golfinho* (infantil, 2009), *Dentro de mim faz Sul* (poesia, 2010) e *A bicicleta que tinha bigodes* (juvenil, 2011).

A edição moçambicana de *Bom dia camaradas*, publicada pela Ndjira, é do ano de 2003. Dois anos após a publicação do romance em Angola é que se publica o mesmo em Moçambique. O romance em questão teve sua primeira edição brasileira pela Editora Agir, seis anos após a edição angolana, do que se depreende, como consequência, um mercado editorial de literatura ainda com pouca intercomunicação entre os diferentes países lusófonos.

Bom dia camaradas utiliza-se de uma dedicatória e de epígrafes (paratextos) para sintetizar, implicitamente, através de metáforas, certo prenúncio do que os leitores encontrarão nas páginas que se seguem. Em sua dedicatória, o autor elenca uma série de nomes de pessoas desconhecidas para os leitores, ocorrência tal, que se explicará no decorrer da leitura, uma vez que esses nomes citados na dedicatória são personagens do romance. O estabelecimento de relações entre nomes reais e personagens do romance acaba

por determinar o entendimento da obra como um discurso memorialista, de rememoração de experiências vividas pelo autor.

O próprio nome da personagem principal coincide com o do autor: Ndalú. Elementos ficcionais e elementos da realidade (a vida do autor) são postos em harmonia discursiva por meio da efabulação narrativa. A primeira epígrafe do livro é composta pela terceira estrofe do poema “A noite dissolve os homens”, de Carlos Drummond de Andrade, em seu livro *Sentimento do mundo* (ANDRADE, 2000). Na estrofe em questão, alguns vocábulos (“raivas”, “queixas”, “humilhações”) estão ligados semanticamente por um núcleo (“úmido”), sendo que esta umidade de elementos “negativos” sobe como um “vapor róseo”, expulsando a treva noturna.

Acredita-se que essa umidade negativada pelo campo semântico possa representar o momento histórico da Angola dos anos 1980, com o seu monopartidarismo autoritário. Parece haver uma consolidação no poema, de uma espécie de manifesto específico do romance de Ondjaki: a hierarquia que privilegia o poético em detrimento do político. Tal afirmação vale-se do final da estrofe, em que a umidade se transforma em vapor, alegorizando as mudanças tão sonhadas pelo povo angolano (o fim da guerra civil), apresentadas pelo autor no parágrafo final do último capítulo: “a água é que faz crescer novas coisas na terra, [...] a água faz eclodir um novo ciclo, enfim, ela queria dizer que a água faz o chão dar folhas novas” (ONDJAKI, 2001, p. 135).

Uma espécie de prelúdio faz parte do primeiro capítulo do romance. Tal prelúdio é utilizado também como um paratexto. Dois versos de Óscar Ribas, poeta angolano (vanguardista da ficção moderna de Angola), podem representar um dos conteúdos temáticos de *Bom dia camaradas*: “tu, saudade, revives o passado/ reacendes extinta felicidade” (RIBAS, 1992). Tal elemento temático é dado pelas lembranças permeadas pelo saudosismo, justamente o que o narrador e protagonista do romance de Ondjaki (um garoto em fins de infância, chamado Ndalú) discursiviza: o tempo de sua meninice, com olhares saudosos e um tom marcadamente ingênuo.

As falas do garoto angolano, na Luanda dos anos 1980, são focalizadas segundo a imaginação do universo infantil. Explica-se melhor: Ndalú dá a sua perspectiva limitada (do não entendimento concreto das situações sociais, políticas, econômicas e culturais) acerca do espaço em que vive. É através da curiosidade do garoto Ndalú que o mesmo tenta apreender e aprender a desvendar o mundo adulto e a realidade histórica que o cerca. É ele quem incita grandes indagações acerca da vida e da situação real de seu país, por meio de perguntas (que se presumem ingênuas, porém significativas) aos adultos (os quais silenciam tais questionamentos), como o camarada António (o cozinheiro da família) e a tia Dada (angolana que vive em Portugal). Há um choque de perspectivas no qual o menino é disposto por ocasião da visita de sua tia Dada, e desse choque é que aos poucos, o narrador criança oblitera suas percepções e considerações ao narrador adulto, já munido de experiências para ressignificar as lembranças de sua infância.

Bom dia camaradas não se pode caracterizar como um romance autobiográfico, por conta da existência de procedimentos estilísticos de ficcionalização utilizados pelo autor. É tênue a linha divisória entre autobiografia e romance memorialista; entretanto, para salvaguardar uma distinção entre as classificações acima destacadas, vale-se da afirmação de que o romance memorialista pertence às memórias de um “eu” que pretende tirar do

passado uma história da coletividade, enquanto que na autobiografia um “eu” tira do passado uma história que tem relevância e supremacia para a sua própria trajetória pessoal, sem se importar com a coletividade. Em entrevistas concedidas a canais de comunicação midiática, Ondjaki afirma que as questões políticas, econômicas, sociais e culturais apresentadas pelo texto de seu romance são apenas e tão somente consequências do relato de sua infância. O abacateiro do quintal de Ndalú é a revolução do mundo desse menino. Ao inventar a história de que o abacateiro se espreguiçava, o garoto compreende que faz parte de uma rede particular de identidades do povo angolano: “toda gente que eu conheço aqui em Luanda aumenta estórias” (*ivi*, p. 78).

Bom dia camaradas dá uma amostragem do período pós-independência (em especial da guerra civil angolana) a partir de um prisma infantil. Ou seja, uma visão adulta de mundo é apresentada aos leitores por entre as considerações que o garoto Ndalú faz acerca do país, da vida, do governo, da escola, da guerra civil entre governistas e opositores. O narrador protagonista reproduz a estrutura social de seu país segundo a sua observação como criança, sem pretensões de grandes questionamentos do *status* de verdade daquilo que observa.

É com o humor do imaginário infantil que se conhece na obra, a história política de Angola, uma vez que com o “Caixão Vazio”, história criada por alunos de escolas de Luanda acerca de um grupo de homens armados, que invadiam escolas, violando professores e desaparecendo com estudantes, os leitores têm a possibilidade de compreender a luta armada entre o governo (pertencente ao MPLA, o partido do poder na década de 1980 e um dos movimentos pela independência do país na década de 1970) e opositores do governo (pertencentes a FAPLAS e a UNITA, dois dos movimentos de libertação colonial, na luta pela independência de Angola em 1975). O caso do Caixão Vazio vai ao encontro da tradição oral de invenção de histórias como característica da comunidade africana para dar sentido à realidade imediata. O narrador do romance confirma tal aceção anterior, ao tratar o caso do Caixão Vazio como um *mujimbo* (boato).

Na apresentação de diferentes posicionamentos frente à realidade, presentes no romance, cada personagem carrega em seu discurso uma visão de mundo, ou seja, o camarada António assinala com sua voz narrativa a visão dos tempos do colonialismo. Já o menino-narrador Ndalú representa a incorporação ideológica do discurso dos tempos da independência. Os professores cubanos Ángel e María compõem as vozes do processo socialista a que Angola estava imerso, enquanto tia Dada carrega consigo uma voz intermediária no tocante a viver em Portugal e mostrar-se confusa com os padrões sociais e econômicos da independência angolana (porque independência aparente, já que um poder maior continua oprimindo a população, como por exemplo, o cartão de abastecimento que limita as compras de alimentos).

O autor sente a necessidade de expor em sua obra esses aspectos históricos de Angola porque os mesmos fizeram parte do entorno de vivência quando criança, embora o mote e o desenvolvimento narrativo de *Bom dia camaradas* seja a infância. O elemento histórico no romance, então, é subjacente ao texto. A história de Angola vai sendo construída na narrativa quando da rememoração da infância do narrador-protagonista que, ancorado no individual acaba mostrando o coletivo do seu país em determinada época.

Das reminiscências do garoto Ndalu advém a exploração imagética de uma prosa baseado em características poéticas. Isto é, o inventar, o imaginar, o fantasiar próprio das crianças é que dá explicações fantásticas a certos acontecimentos e situações do romance. Há de se salientar que esse imaginário poético, presente em *Bom dia camaradas*, não é apenas uma investida do mundo infantil, mas também é consequência de um pensamento mítico cujas raízes se encontram na tradição oral africana. As culturas dos povos africanos são calcadas em explicações que não raro se localizam fora do racional, por conta de uma matriz cultural oralizada, como nos explica o próprio romance: “ê!, aqui em Luanda, não se pode duvidar das estórias, há muita coisa que pode acontecer e há muita coisa que, se não pode, arranja-se uma maneira de ela acontecer” (*ivi*, p. 106).

Pertinente destacar que o romance de Ondjaki afasta-se um tanto de um dos principais eixos da literatura contemporânea. Em tempos de questionamentos e discussões quanto ao multiculturalismo, à exigência de significação às consideradas categorias de identidade e diferença, tais como raça e etnia, gênero e sexualidade, classe e subalternidade, identidade nacional como reconhecimento de si pelo contraste com o outro (ALÓS, 2011a), *Bom dia camaradas* não é representativo de alguma subalternidade étnico-racial, uma vez que o conflito racial (existente entre África negra e África branca) não está explicitado na obra. A raça da maioria das personagens do romance não fica definida, com exceção da do camarada António (negro).

Por que o autor procede de tal maneira, ignorando quase que por completo uma das tendências da literatura contemporânea? Um dos principais focos do romance é alocar aspectos da cultura africana através de uma das representatividades da mesma: o elemento fantástico como construção das identidades, ou seja, apresentar aos leitores um dado momento da história de Angola por meio de uma simbologia específica das comunidades tradicionais africanas (a tradição oral como aparato das explicações fantásticas para a realidade, oriunda de uma cultura sem uma tradição escrita). Ondjaki define primorosamente a ficção e a poesia características da realidade angolana. Assim explica o escritor em entrevista para a editora Saraiva: “normalmente, a própria realidade de Angola escreve melhor do que os escritores”.

Importante a observação no romance, de certos “trânsitos culturais”, ou seja, “a ideia das coletividades transnacionais que atravessam e/ou trespassam fronteiras” (ALÓS, SCHMIDT, 2009, p. 134). É na alteridade que se reconhecem diferenças e semelhanças com o outro na construção da própria identidade. Pensemos na relação de Angola com o Brasil, como atesta um trecho do romance em questão: “já nem lhe contei o que andavam a fazer no Roque Santeiro” (*ivi*, p. 58). No romance, Roque Santeiro é o nome dado a um dos maiores mercados públicos de Angola, que fora batizado de tal modo por influência e pela grande aceitação do público angolano às telenovelas brasileiras. Na contemporaneidade, sob os termos de planetaridade, as trocas culturais são cada vez mais frequentes, e são essas trocas que possibilitam a prática de assegurar semelhanças entre nações diferentes (ALÓS, 2011b).

Ondjaki dá aos leitores de seu romance, a possibilidade de refletir sobre os conceitos de liberdade e de sobrevivência, enquanto desmembra o cotidiano de sua infância, enquanto relembra o momento histórico de seu país, enquanto tenta compreender o exato instante da transmutação da inocência infantil para o questionamento adulto, enquanto aceita que, como sujeito e identidade, é

resultado de duas forças: o conhecimento popular (as histórias que transitam pelas ruas de Luanda) e a amizade (seus colegas de escola, os camaradas professores cubanos, o camarada António).

Bibliografia

- Alós, Anselmo Peres. "Uma comunidade imaginada chamada nação". *Letras & Letras*. Uberlândia (UFU), v. 27, n. 2º, p. 439-444, 2011a.
- Alós, Anselmo Peres. "O estado da arte de um campo disciplinar assolado pelas crises do presente". *Ipotesi*. Juiz de Fora (UFJF), v. 15, nº 2, p. 149-153, 2011b.
- Alós, Anselmo Peres e Schmidt, Rita Terezinha. "Margens da poética/poéticas da margem: o comparatismo planetário como prática de resistência". *Organon*. Porto Alegre (UFRGS), nº 47, p. 129-145, 2009.
- Andrade, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Ondjaki. *actu sanguíneu*. Luanda: INALDI, 2000.
- Ondjaki. *Momentos de aqui*. Luanda: Nzila, 2001.
- Ondjaki. *O assobiador*. Luanda: Nzila, 2002.
- Ondjaki. *Há prendisajens com o xão*. Luanda: Nzila, 2002.
- Ondjaki. *Quantas madrugada tem a noite*. Lisboa: Caminho, 2004.
- Ondjaki. *Ynari: a menina das cinco tranças*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.
- Ondjaki. *Ynari: a menina das cinco tranças*. Luanda: Nzila, 2004.
- Ondjaki. *Ynari: a menina das cinco tranças*. Lisboa: Caminho, 2004.
- Ondjaki. *E se amanhã o medo*. Luanda: INALDI, 2004.
- Ondjaki. *E se amanhã o medo: contos*. Lisboa: Caminho, 2005.
- Ondjaki. *Os da minha rua*. Luanda: Nzila, 2007.
- Ondjaki. *Os da minha rua*. Lisboa: Caminho, 2007.
- Ondjaki. *Avó Dezanove e o segredo do soviético*. Luanda: Nzila, 2008.
- Ondjaki. *Avó Dezanove e o segredo do soviético*. Lisboa: Caminho, 2008.
- Ondjaki. *Avó Dezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Ondjaki. *O leão e o coelho saltitão*. Luanda: Nzila, 2008.
- Ondjaki. *O leão e o coelho saltitão*. Lisboa: Caminho, 2008.
- Ondjaki. *O leão e o coelho saltitão*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- Ondjaki. *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas*. Luanda: Nzila, 2008.
- Ondjaki. *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas*. Lisboa: Caminho, 2009.
- Ondjaki. *Os vivos, o morto e o peixe frito*. Terezina: Grupo de Teatro Harém, 2009.
- Ondjaki. *O voo do golfinho*. Lisboa: Caminho, 2009.
- Ondjaki. *Dentro de mim faz Sul*. Lisboa: Caminho, 2010.
- Ondjaki. *A bicicleta que tinha bigodes*. Lisboa: Caminho, 2011.
- Ribas, Óscar. *Cultuando as musas: poesias*. Lisboa: Ramos, Afonso e Moita, 1992.